

Bairro da Paz é laboratório para ações de cunho social

EVOLUÇÃO
Muita coisa mudou desde os tempos da resistência na antiga Malvinas

MARY WEINSTEIN

Uma invasão que tinha nome de guerra - Malvinas - e hoje é Bairro da Paz passou a ser alvo de várias iniciativas de cunho social. As mais recentes partem de faculdades vizinhas, com respaldo e apoio institucional de órgãos do governo. No momento, a Secretaria do Trabalho e Ação Social e a Faculdade Jorge Amado organizam-se em reuniões com representantes do bairro para formalizar um novo projeto-piloto de cooperação, o qual contará com a experiência de Ari Leste, técnico veterano em experiências sociais urbanas em Belo Horizonte.

Com mais de 45 mil moradores, a maioria vivendo abaixo da linha de pobreza, o número de oito mil casas construídas e contadas no Bairro da Paz, há cerca de um ano, cresce assustadoramente. "A quantidade de madeira que carrego e coloco nos caminhões dá para construir pelo menos uma nova casa por dia", disse o trabalhador de uma madeireira, Ílrio dos Santos Ferreira.

Além de várias madeireiras, atestando o permanente processo de expansão, o bairro conta com um comércio agitado, de clientela cativa. Aloício Pereira Machado, 43 anos, diz que há 11 anos vem mantendo a loja de peças para bicicletas sem grandes queixas. Nas ruas principais, há vários supermercados, lojas de confecções e até lojas de jardinagem.

A margem da valorizada Avenida Paralela e encravado em uma região onde havia resquícios de mata atlântica, o bairro começou



Às margens da valorizada Avenida Paralela, a comunidade ainda carece de serviços essenciais

a ser formado há 20 anos e estabeleceu-se depois de várias expulsões oficiais, as quais inspirariam o nome de uma das ruas principais - Rua da Resistência. Além da coerência histórica das denominações, tudo no bairro é muito significativo. A violência, a pobreza, a falta de água, de escolas e de outras melhorias.

Aprendizado difícil

Antônio da Silva, 16 anos, 8^o série, anda 40 minutos para ir e outros 40 minutos para voltar de uma escola no bairro de Mussurunga. "Com certeza a construção de uma escola aqui ia ajudar", disse o estudante, calculando que outros 500 adolescentes moradores do bairro, que andam para Mussurunga diariamente, concordariam com ele.

Assim é que as propostas de

instituições são sempre bem-vindas, pondera Antonio Carlos Silva Santos, coordenador do Conselho de Moradores. No Bairro da Paz já atuam algumas pastorais arquidiocesanas, a Fundação Cidade Mãe, o Unicef e a Fundação Dom Avelar, entre outras instituições. Agora, são as faculdades que demonstram o interesse de interagir com a comunidade.

O Conselho de Moradores canaliza os diversos interesses dos residentes locais e a convergência destes com os das instituições educacionais que propõem trabalhos conjuntos com a comunidade. "Os objetivos são vantajosos para ambos os lados", como dá a entender o coordenador. "Nós encaramos tudo isso como uma troca. Nada é de mão beijada. Porque tudo que eles querem, no Bairro da Paz tem". Falando de forma bem articulada, ele acha,

por exemplo, que qualquer placa que se coloque à entrada da invasão é promoção para a instituição que estiver envolvida.

Alunos do curso de Comunicação da FTC publicaram duas edições de um jornal comunitário. Antônio Silva Santos chegou a encará-los em uma aula-palestra sobre as mazelas do Bairro da Paz. A Faculdade Jorge Amado planeja um projeto de maior envergadura. Quer colocar à disposição dos moradores os serviços que pode prestar - jurídicos, administrativos, fiscal etc. "O nosso papel seria o de facilitador de acesso para a comunidade", resumiu o assessor da Jorge Amado, Francisco Catelino, ressaltando, no entanto, o estágio inicial do entendimento. Também a Universidade Católica do Salvador e a Universidade Federal da Bahia têm projetos que incluem o Bairro da Paz.